

O CORREIO

DIRECTOR

Jorge Santos

SEMANARIO MONARCHICO

EDITOR

José Antonio Fontes, Sobriho

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Passos Manoel, 177-1.º-Porto

Proprietario—MARIO ANTUNES LEITÃO

1.º ANNO = N.º 17 = AVULSO 20 REIS

Sabbado, 29 de Março de 1913

ASSIGNATURAS — Portugal, Ilhas e Colónias: serie de 53 n.ºs, 15000 reis — Serie de 25 n.ºs, 500 reis. Estrangeiro: (Paiz da União Postal) — serie de 25 n.ºs, 15 francos (ou 15000 reis). Serie de 30 n.ºs, 8 francos (ou 14500 reis. Brasil: serie de 28 n.ºs, 85000 reis (moeda brasileira). Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce 50 reis para Portugal, Ilhas e Colónias, e 50 centimos (ou 300 reis) para o estrangeiro.

ANUNCIOS—Na secção de annunciões 50 reis a linha. Nas outras paginas: contracto especial.

Compzeta e impressão na Typographia de A. J. da Silva 'Teixeira', Successor—Officina movida a electricidade—Rua da Canella Velha, 10-1.º-PORTO.
Agente em Paris: Alvaro Pinheiro Chagas—6, Rua Duban
Agencia em Lisboa: Largo de S. Paulo, 12

SUMARIO

Um grande homem
Notas d'um lisboeta—ANSELMO.
Echos.
A Segunda Incursão Monarchica—JOAQUIM LEITÃO.
Pragmatismo—HENRIQUE DE PAIVA COUGREIRO.
Chronica Militar—SATORIO PIRES.
A obra de resurgimento—JOAQUIM LEITÃO.
Moral Politica—EDUARDO LUPI.
Semana mundana.
Folhetim—A Chica-Lulu anti-clerical—ANSELMO.
Carta de Lisboa—RAUL.

Um grande homem

Dizemos ha tempos, quando da subida ao poder do sr. Affonso Costa, que se fossamos nós, monarchicos, a resolver dentro da Republica a crise ministerial aberta pela demissão do governo presidido pelo sr. Duarte Leite, outra solução lhe não dariamos senão precisamente aquella que lhe deu o sr. dr. Manuel d'Arriaga, aliaz contra toda a logica e toda a coherencia, pois que, chamando o sr. Costa a formar gabinete, o mimoso auctor das *Cartas Sagradas* a si proprio deu um formidavel cheque, que outra coisa não foi entregar as redes da caranguejola ministerial a quem tinha como programma ideias e propósitos absolutamente oppositos áquelles que o chefe de Estado pouco antes publicamente affirmára serem indispensaveis e urgentes para o prestigio e para os interesses da Republica.

De então para cá os factos se tem encarregado de ir provando dia a dia, quanto teria sido habil da nossa parte chamar á gerencia dos negocios publicos e encarregar da manutenção do prestigio e da defeza dos interesses da Republica, que desajamos vêr rapidamente mergulhada nas sombras do passado, o homem que, como ninguém, tem sabido offender as crencas de toda a gente, desrespeitar os direitos de cada um, agravar os sentimentos de cada qual e defraudar legitimos interesses de todas as classes.

E' certo que da sarabanda final com que ameaça terminar este periodo republicano, sahirá o paiz gravemente combatido e só á sua extraordinaria vitalidade e resistencia, que tem conseguido fazer-o triumphar, atravez os annos, de tanto desvario, elle deverá o poder ainda, n'um futuro relativamente proximo, desviar caminho, e, fugindo das portas da Morte, enfiar pelos largos e arejados corredores da Vida, como, se o não disse ainda, é muito capaz de o dizer qualquer dia o insubstituivel sr. Antonio José d'Almeida nos seus hilariantes artigos de fundo.

E' certo isto, mas não menos certo é que se apoz o fracasso da segunda incumbência monarchica, que algumas almas timoratas ou descrentes consideraram e algumas creaturas espantadiças apontaram como a perda de todas as esperanças de salvação da Patria, o paiz não tivesse tido a ventura de experimentar d'uma forma directa a acção d'um governo presidido pelo sr. Affonso Costa e

sabido do partido que é representado na rua pela Carbonaria, na imprensa pelo *Mundo*, no exercito pelo sr. Xavier Barreto, na marinha pelo sr. Ferreira do Amaral, no commercio pelo sr. Grandella, e em nossas casas pelo moço que faz os recados e pela mulher que esfrega as escadas,—muito provavel seria que as parapatricies do evolucionismo ou as ambiguidades de mais algum ministerio de concentração, levassem o portuguezinho valente a conservar-se por detraz da cortina, espreitando com natural curiosidade se iria por deante a restauração da Monarchia, mas tendo o cuidado de se não metter na contenda, não fosse o caso que a Republica levasse a melhor.

Por mais algum tempo o edificio republicano se iria assim mantendo até que, minado nos alicerces, se iria repentinamente abaixo, quando menos se esperasse, sem que á primeira vista se percebesse bem porquê, e talvez mesmo no preciso momento em que o evolucionismo, delirante e envaidecido, lhe estivesse de novo pintando a fachada para a festiva collocação de alguma lapide commemorativa.

Mas com a chamada do sr. Affonso Costa ao governo as cousas tomaram um muito melhor aspecto para aquelles que nas prisões, embora em meio de tormentos cruéis, sonham, não apenas com a propria liberdade, mas com a libertação da Patria, e para aquelles que no exilio, de olhos fitos n'uma negra de terra que o Oceano banha, anseiam, entre amarguras e tristezas, pelo regresso ao torrão onde nasceram e onde jazem entes que lhe foram queridos.

Toda a acção do sr. Affonso Costa tem tido para os que desejam a liquidão final de um periodo de incertezas intoleraveis, o alto valor dos... pontos nos i i...

A ninguém hoje pode restar uma illusão, pode luzir uma esperanza de que seja só... o visinho a perder a liberdade, a ser arruinado, a ser perseguido. Aos que *precisam ganhar* não resta a egoista previsão de que a Republica só atingisse os que tem que *perder*; aos operarios foi desvendado que não eram só os patrões que sofferiam; á agricultura que não era só aos politicos que se tolheriam todas as liberdades; ao funcionalismo publico que não era apenas aos padres que se poria o pé no pescoço; aos partidos avançados que não era apenas aos conservadores que se estrangularia a liberdade de opinião; aos pobres que não era só aos ricos que se procuraria esmagar e aos ricos que não era só aos pobres que se procuraria espezinhar.

Com a sua obra tem felizmente demonstrado o governo do sr. Affonso Costa que nenhuma classe poupa, que ninguém logrará escapar-se ao esmagamento pelo seu automovel triumphante.

A situação está posta clara e nitida para todos.

E' precisamente isso é que se estava tornando indispensavel n'este paiz, onde cada qual considera que as cousas não vão tão mal como dizem... em quanto se não mettem com elle e em que cada classe entende que se não deve incomodar com o que ás outras se esteja fazendo... de mau, porque se é de

bom, mexe-se logo para que melhora lhe caiba tambem.

A situação está posta, repetimos, clara e nitida, e esse grande favor devemos-o ao sr. Affonso Costa.

Não ha nenhuma classe que elle não tenha agravado, cujos interesses não tenha prejudicado, cujos direitos não tenha espezinhado.

Por todo esse paiz não ha ninguém que possa pensar em continuar por detraz da cortina vendo arderem as barbas do visinho, porque ninguém ha que não sinta já o fogo nas proprias barbas. Isso mesmo é que se queria, isso mesmo é que era preciso, para que de vez a situação ficasse definida.

Hoje, graças ao sr. Affonso Costa, todo o paiz, todas as classes, toda a gente vê d'uma forma inludivel que não pode recuar nem mais um passo.

Ora era d'isso mesmo que o paiz precisava e o convencessem.

Muito obrigado, sr. Affonso Costa.

Notas d'um Lisboeta

Instrução Militar

Hontem em infantaria 5, aos manobras que foram receber instrução militar preparatoria, limitou-se essa instrução ao ensaio do côro da *Portuguezia* e á recommendação de que apenas dessem vivas ao sr. Presidente da Republica e ao sr. Affonso Costa.

De um jornal de Lisboa.

Lembrando-nos de que o commandante de infantaria 5 era o antigo monarchico sr. Salsafresca, hoje convicto republicano, procuramol-o logo para saber o que havia de verdade na noticia dos jornaes.

—Senhor Salsafresca, dizemos logo que o militar illustre nos recebeu.

—Fresca... fresca... era bem bom, murmurou melancolicamente o antigo chefe do gabinete do sr. Pimentel Pinto, apontando as rugas que lhe sulcam o rosto, cavadas decerto pelas lagrimas ardentemente vertidas n'aquella caçada aos conspiradores de Cabeciras de Basto, pois claro está que um homem não atraira assim a matar sobre os que defendem o regimen que lhe deu vida regalada, sem verter algumas lagrimas ardentemente. Fresca... fresca... isso foi tempo.

Olhamol-o um momento e proseguimos modificando um pouco o nosso discurso:

—Pois, senhor Salsafresca, vimos aqui por causa d'aquelle caso da instrução militar lá á rapaziada do seu regimento. Não acha Vossa Senhoria que como instrução militar isso de se ensinar aos recrutas apenas a dar vivas ao Presidente da Republica e ao sr. Affonso Costa, e a cantar em côro a *Portuguezia*... é talvez pouco?

O sr. Salsafresca abanou a cabeça e respondeu:

—Não... Não é pouco... Até pelo contrario é demasiado.

—Demasiado? exclamámos.

—Sim... demasiado, e eu lhe vou dizer porquê.

Levantou-se, foi junto da porta certificar-se de que estava bem fechada, cor-

reu o pesado reposteiro, e voltou para junto de nós.

Depois em voz baixa disse:

—Isto aqui entre nós... hein?... Traçámos no ar, com o indicador, um circulo; marcámos ao meio um ponto e, laconicamente, assegurámos:

—Um poço.

—Bem... Pois acho já demasiada que se lhes tenha ensinado tanta cousa, proseguiu Sua Senhoria.

E, abrindo os braços, com um encolher de hombros, perguntou-nos:

—Para qué os vivas ao Presidente?... Para qué o côro da *Portuguezia*?... Para quê?...

—Talvez para...

Mas o sr. Salsafresca não nos deixou continuar:

—Para qué estar a ensinar aos rapazes cousas que não são precisas? Para qué estar a encher-lhes a cabeça com mais historias, com mais lerias, se basta ao nosso soldado, com instrução militar, que elle saiba dizer, que elle saiba berrar a plenos pulmões: *Viva o dr. Affonso Costa!*

—Ah! Vossa Senhoria considera então que isso basta?...

—E' claro que basta... Qual é a missão do soldado?

—Isso é conforme... A do soldado turco é apanhar bordoadas, a do soldado bulgaro é dal-a, a do soldado portuguez é nem dal-a, nem leval-a, que para isso mesmo é que ha tantos carbonarios a oito tostões por cabeça e por dia.

—Não... não... não é isso, exclamou phreneticamente o sr. Salsafresca. A missão do soldado é vencer o inimigo... Ora para que o soldado portuguez vença o inimigo, nacional ou estrangeiro, basta que saiba dar vivas ao Affonso Costa.

Muito francamente declarámos que não percebiamos, e então Sua Senhoria teve a bondade de nos explicar:

—A causa é simples... Hoje toda a gente sabe tanto cá dentro como lá fóra o que o Affonso Costa tem feito ao paiz... Sim... não ha ninguém que o ignore... Ora imagine que ha uma guerra, quer seja entre portuguezes, quer seja com estrangeiros. Os nossos soldados avançam para o inimigo... E chegados a certa altura desatam todos ao mesmo tempo aos vivas ao Affonso Costa... O que succede?... Sim... o que succede? E como nós não conseguissemos acertar com o que succederia, o sr. Salsafresca amavelmente esclareceu:

—O que succede?... Succede que o inimigo, que sabe muito bem o que Affonso Costa tem feito, ao ouvir os vivas dos soldados, diz lá com os seus botões: *O quê?... Elles ainda em cima lhe dão vivas?... Estão doidos... não ha duvida que estão doidos...*

E, cruzando a perna e recostando-se na cadeira, Sua Senhoria concluiu:

—E como já o outro dizia que *com doidos ninguém se metta...* é uma debandada geral, e a victoria é nossa.

Olhamol-o sorprendidos e, recusando um charuto que Sua Senhoria nos ofertava, murmurámos para comosco:

—Pois, Salsafresca, havia no tempo da Monarchia quem dissesse que não eras d'uma esperteza por ahí além... Mas és mais esperto do que suppunhamos.

Anselmo.

O PRAGMATISMO

Veio-nos, do outro lado do Atlantico, uma Philosophia, que é como que a delegação do espirito pratico americano, no dominio das especulações scientificas.

Referimo-nos ao «Pragmatismo» do professor da Universidade de Harvard, William James.

«Pragmatismo» (do grego «Accão») é o nome, e o desenvolvimento, modernos, de conceitos, cujas genealogias o proprio auctor entronca n'essa Mãe illustre dos torneios da Inteligencia, — a Grecia antiga. Mas adiante, que não é d'isto que se trata.

«A verdade de uma Ideia é constituida pelas suas Obras» (The truth of an Idea is constituted by its Workings), — eis a synthese d'esse methodo philosophico.

Ou, n'outros termos, a verdade de uma Ideia verifica-se pelos seus effeitos, e não pelas suas origens. São verdadeiras as Ideias que, levadas á pratica, nos fornecem as realisações previstas.

Isto, traduzido em Politica, quer dizer que os systemas governativos se apreciam pelas consequencias da sua applicação concreta, e não pelo valor, maior ou menor, das theorias abstractas d'onde dimanam.

A «Utilidade», o «Resultado satisfactorio», o «Preenchimento dos Objectivos» desejava-se, — consubstanciavam a «Prova da Verdade», e, portanto, a Caracteristica do Bem, e do Certo, para uma determinada hypothese.

Ajuste-se ao Caso da Republica Portuguesa, e cada um que conclua.

Alimentações escassas, alojamentos abafados, filhos nos acoas da penuria, trabalho ao Deus dará, sem confortos no lar, sem seguranças no que está para vir, sem as luzes da cultura do espirito a abordoar-lhes a subida dos Cavalarios da existencia, — tal a sorte de muitos dos nossos irmãos portugueses.

Terrenos desertos de gente e plantações, — aguas ao abandono dos seus carchibos improductivos, — braços que não encontram a sua obra, — materia prima que espera por braços, — industrias pallidas d'anemia, — navegadores a ver navios alheios, no alto de Santa Catharina, — tal o aspecto que nos offerecem, a quem e além mar, as forjas enferrujadas da riqueza lusitana, — gementes nas engrenagens, á falta d'azote que baste, presas nas manivelas, á mingua de impulso que valha.

A verdadeira «casa onde não há pão». Sem appellar para as lampadas electricas da leitura pragmatica, nem para os bicos d'incandescencia dos nossos escriptores economicos, até o proprio Calino, com a sua antiga lamparina dos tres bicos, mesmo apagada, haveria de exclamar, se porventura o consultassem acerca do problema portuquez, que sem comer não se vive, e que quem o não tem, ou trata de arranjar-o com brevidade, ou baixa á sepultura.

A republica, todavia, entendeu o contrario.

Transcreve Oliveira Martins, n'um dos seus livros d'historia, o seguinte officio da camara da Ribaldeira:

«Não somos doutorarios, nem aristocratas; muito presamos Montesquien, mas não é só elle que forma a nossa propria bibliotheca; desde Hobbes até Rousseau, desde Machiavel até Batham (suppõe-se que é um segundo appellido de Bentham) alguns outros temos lido; em nossas aldeias tambem consultamos a historia dos Washintons, dos Trimm-vira (?) dos Neros, etc., etc.»

Os mais vernaculos textos da Bibliotheca politico-social, já na longinqua

data de 1830 e tantos, eram assim manuseados pelo nosso liberalismo municipal da Ribaldeira.

Parta-se, portanto, da Ribaldeira de 1830 e tantos, e das culminancias já notaveis da sua litteratura avançada, e faça-se por ahí uma pequena ideia do que poderá conter-se dentro do cerebro luminoso da actual democracia liboeta.

E feita essa pequena ideia, logo apparecerá, logicamente definida, a razão d'elles, — os pastores da republica portuqueza, — comprehenderem cousas, que nós — os do obscurantismo, — somos incapazes d'attingir:

Moral sem saneções religiosas; progresso sem dependencia d'ordem; trabalho sem ambientes de paz; governo sem principio d'autoridade; força sem necessidade de disciplina; guerra á Igreja como aliocros primario d'equilibrio social; fomento economico, gerencia financeira, crédito publico, como funcções minimas de governo, n'um paiz de miseria, e com mais de 40 % das suas receitas empenhadas em pagamentos de juros de divida.

Que alcance o d'elles!
Que atrazo o nosso!
O peor é o Pragmatismo...

A menos que isto tudo não passe de acinte nosso contra o regimen republicano. Acinte em prosa triste, no genero d'aquelles que, em verso alisonante de Victor Hugo, diziam, do gigante Monte Branco, os seus vizinhos de mais modesta estatura:

Henrique de Paiva Couceiro.

Chronica militar

Paris, 18 de Março de 1913.

Pouco edificante e até de molde a irritar os nervos d'aquelles proprios que não nasceram francezes, é o espectáculo que o Parlamento da Republica está dando na hora presente.

Ou seja motivado pela recente lei militar allemã ou por quaisquer outros motivos cuidadosamente occultos nas *coulisses* da intrincada politica internacional contemporanea, o que é facto é que o ministerio Briand, ou antes o actual titular da pasta da guerra, Mr. Etienne, entendeu seguir a corrente geral da opinião franceza e a voz de technicos abalizados e propôr ao Parlamento a revogação da *Iniciativa Bertaux*, de 1905, que reduzira o serviço activo *sous les drapeaux* a dois magros annos, e voltar á lei de recrutamento anterior, embora com varias modificações.

Ovidio o Conselho Superior de Guerra—composto dos generaes Joffre, Castelnaud, Pau, Gallieni e outros — este manifesta-se *nemine discrepantur* — pelos tres annos de serviço. Todas as propostas intermedias — 27, 30 mezes, *renagements* — são consideradas, como palliativos, destinados a nada melhorar a situação, dada como critica pelo general Maitrat no seu magistral trabalho sobre as fronteiras de Leste e de Norte e por todas as sumidades militares da França — entre ellas Tréméan e Lacroix, antigos generalíssimos.

Já em 1905, como tivemos occasião de apontar n'uma nossa passada *Chronica*, o generalissimo Hagron, se demittia do seu elevado cargo, por não querer em taes circumstancias, isto é, com a alludida redução do tempo de serviço, assumir as responsabilidades do

commando supremo. As suas cartas, a bem dizer *historicas*, são bem conhecidas, pois ainda ha poucos dias o *Echo de Paris* as tronxe á luz de publicidade, por intermedio do general Kessler, se não estou em erro.

Ora, sendo prospero, como é, o estado das finanças francezas e podendo ellas arcar com o augmento de despeza proveniente d'este acrecimo de effectivos e mais medidas militares propostas — parece que o primeiro dever d'um Parlamento sinceramente patriota, esclarecido e *Nacional*, seria pôr em execução taes medidas, no mais curto espaço de tempo.

Não é isso, infelizmente para a França, o que se está vendo.

As manobras da commissão parlamentar do exercito são indecorosas e cheiram a *mandarinica*.

Jaurès e Angaqueur — radicacs e socialistas — queimam cartuchos sobre cartuchos, recorrem a todas as *ruses* para demorar a discussão, para a fazer prolongar... para atirar com a nova lei para o ceito dos papéis velhos.

E ainda falta vêr o que fará o Parlamento, quando ella se disintir. Conhecido é de todos o abominavel *charivari* com que as esquerdas acompanharam a leitura do projecto.

O presidente, Deschanel, chegou, indignado, a pronunciar estas palavras stigmatizadoras:

— «Deixae-os na sua obra; a França que os veja!»

Isto é, acima dos grandes, dos sagrados interesses de Patria, o Parlamento põe os seus interesses mesquinhos de partido, de facção e de seita.

Simplesmente vergonhoso!
E tanto mais vergonhoso, quanto é certo que se trata do Parlamento de uma nação de primeira grandeza, d'uma grande potencia, ao qual incumbe olhar os grandes problemas que implicam com a defeza da Patria, com aquella largueza de vistas que, francamente não se pôde exigir do de outras nações de menor peso na balança mundial.

Mas em toda a parte ha *más fadas*, em toda a parte oíhos, que se negam a vêr a luz, por muito forte que ella seja. Que importa lá o territorio nacional invadido, reduzido, fragmentado pela *absorpção* das suas provincias?

Se acima de tudo estão os miseraveis interesses de seita?
«Antes o estrangeiro que a monarchia» — dizem os nossos republicanos *iberistas*.

«Antes a perda da Patria que a perda da nossa influencia eleitoral» — acrescentam aqui os seus apaniguados d'aquem Pyrenéos...

Mas indicios, sem duvida, para o futuro do regimen, que pôde vir a pagar a falta, de que não é totalmente culpado.

«São nações em decadencia aquellas, que não tem a coragem e o civismo sufficientes para arcar com todos os sacrificios precisos para a sua defeza e independencia!» — já o límos algures.

Bem sabemos que a França não está perfettamenteamente n'estes casos. Todavia não deixa de impressionar singularmente o estrangeiro, espectador imparcial de tudo o que vai vendo, o contraste, entre o *jeu de regateira*, que aqui se desenrola o o trabalho sereno, dirigido a *objectivo certo e determinado que au dell des Vosges*, se vem executando, sem um desfalecimento, com um espirito de ordem e de methodo, que encanta e causa admiracão.

Que differença de processos!
Mas, na Allemanha, ha a *contade de Um a mandar*, para bem geral. Aqui esse sentimento supremo de autoridade, acha-se diluido e fragmentado de tal modo, que... é o que se está vendo...

Se de ha muito não tivessimo um conjunto bem formado sobre o que é o Parlamentarismo — maldição de Deus, que

cahu sobre a raça latina em especial — o espectáculo d'hoje em dia, aqui no Coração e no Cerebro do Mundo, servira para nos raspar as ultimas illuções...

Em tempos, a *Recista Militar*, publicou uma serie de artigos realmente bem feitos e devidos á pena do general Moraes Sarmento (então ajudante de campo de El-Rei e hoje desempennando cargos de confiança da republica). Esses artigos versavam sobre o pouco rendimento de trabalhos dos *Organismos collectivos* na preparação da guerra.

Apoiavam-se em trabalhos de Gustavo Le Bon e tinham como objectivo o Antigo Supremo Conselho da Defeza Nacional, da iniciativa Vasconcellos Porto, com a criação do qual o general Moraes Sarmento não concordava.

Este *Organismo colectivo*, que se chama o parlamento francez, está justificando na generalidade o que, no caso restricto e especial de que tratava, dizia o antigo ajudante de campo de El-Rei e Ministro d'Estado da Monarchia.

«Muita parra e pouca uva» — diz um conhecido proloquo popular da nossa Terra.

E é o caso: Gasta-se a disintir o tempo, que seria de bom e são juizo, dispendir a trabalhar com utilidade e praticamente...

Depois ha scenas d'um comico inexcusavel, como, por exemplo, aquella ou aquellas de Jaurès, mettido a disintir problemas de alta estrategia. Insenivelmente vem-nos á mente aquellas palavras indelivaveis do Fradique Mendes, do Eça, na carta a Madame de Jouarre.

« Tudo tende á ruina n'um paiz de ruinas. O architecto que o construiu é deputado e escreve no *Jornal da Tarde*, estudos melancolicos sobre Finanças!

O meu procurador em Cintra aconselha agora, para reedificar o Kiosque, um estimavel rapaz de boa familia, que entende de construcções e que é empregado na Procuradoria Geral da Corôa! Talvez, se eu necessitasse um jurisconsulto me propozessem um trolla. »

Ninguém concluirá certamente d'esta minha transcripção, que eu pretenda ser a França — *um paiz de ruinas*... Evidentemente longe de mim tal ideia!

O que eu pretendo é accentuar o ridiculo do *paizano* (vá lá o termo de soldado...) Jaurès a propôr modificações na organisação defensiva da França, a querer ministrarlhe á *força* os seus *exercitos de milicias, á suissa*. Ideia estrombatica que, de resto, germinou nos *jovens cerebros* dos *Wolksinshins* das margens do Tejo crystalino...

Ao menos, Vaillant é mais coherente e gasta menos palavras, quando na sessão de 12 de março, apresenta no Palais Bourbon, a seguinte moção, *épica* no seu laconismo:

«O exercito permanente é supprimido e organisação o armamento geral do povo.»

... Palavra d'honra que não sabemos como todos os lados da Camara, de pé e em *alta grita* não a aprovaram por *aclamação*...

Mas *au delà des Vosges*, não se pensa assim, de animo leve sobre os destinos da Nação!

Os proprios *socialistas* são patriotas! A França deve ter sempre bem presentes aquellos annos que foram de 1867 a Sédan e a Metz!

Os seus *pacifistas*, com Jules Simon á frente, e os seus parlamentares, votando mas adulterando a Lei Niel, conduziram-na á perda de dois bocados de Carne de sua Carne...

Se a França de 1913 não se emenda — sabe lá Deus que tristes futuros lhe estarão reservados? Não serão os *pacifistas* que correrão a salvá-la! A não ser como na celebre scena comica:

Um pouco de tudo

— Esteve no Porto o sr. Barão de Cadóro.

— Já regressaram ao seu solar os nobres Condes da Borralha.

— Estão em Hespanha a senhora D. Fernanda de Magalhães e Menezes Wan-Zeller e seu marido, o sr. Fernando Wan-Zeller.

— Esteve em Lisboa o nosso amigo Cypriano Canavarró d'Almeida e Brito.

— Estão em Lisboa, demorando alguns dias, os nossos amigos Antonio Bernardo Ferreira, Francisco Figueiredo Cabral, Francisco Wan-Zeller Pereira Cabral e João d'Albuquerque de Mello Pereira e Caceres.

— Regressou quinta-feira ao Porto o nosso amigo João Paulo Sampaio Mexia (Pombeiro).

— Está em Vigo o distincto engenheiro e nosso amigo sr. Luiz Wan-Zeller Cabral, acompanhado de sua esposa a senhora D. Maria Rebelo Valente Cabral.

— Realiza-se amanhã o casamento da senhora D. Maria Basília Freire de Albuquerque Soares d'Albergaria, interessante e gentilíssima filha da senhora D. Anna de Magalhães Freire e do illustre lente da Universidade de Coimbra sr. Dr. Basílio Freire, com o nosso amigo, intelligente alumno da Universidade, sr. Alvaro Pinto de Magalhães (Alijó), filho dos senhores Viscondes de Alijó.

— Está marcado para meados de abril um festa hyppica organizada pelo Centro Hyppico do Porto, no Campo do Bessa.

Carta de Lisboa

Ainda lá está muita coisa no sacco!

Foi esta, a phrase ameaçadora do chefe do governo, hontem no Senado, quando ali chegou, ofegante, a suor, morto de cansaço e não sabemos se empoeirado, transportando da Camara dos Deputados o projecto de lei que manda cobrar já as duas primeiras prestações da contribuição predial.

Quer dizer: o sacco está cheio, e é só metter lá a mão e tirar o que se quiser, por mais arbitrario, por mais illegal e por mais attentatorio que seja dos direitos de cada um. O parlamento curva-se reverente e submisso a tudo quanto elle quer, e os mais envergonhados pela accção deprimente e ridicula do corpo legislativo limitam-se a explicar baixinho que é preciso não o deixar ir embora. E como se não quer que elle caia, toca a apprová-lo tudo, sem olhar nem a praxes, nem a conveniências, nem a direito, nem a justiça. Tudo isso são verdadeiras ninharias em face da sua vontade omnipotente!

Nada, que a Republica não pode viver sem dinheiro, nada, que o Estado precisa de dinheiro, exclama elle muito de rijo nas duas casas do Parlamento, variando apenas a phrase de Yago, e o dinheiro só se obtém pelo imposto ou pelo emprestimo!

O emprestimo estão os senhores a vêr que é impossivel: portanto vamos ao imposto, e mais não explica!

Que serie de locuções não representará esta simples explicação, feita a correr, n'um minuto apenas, diante de um parlamento atonito! Surge o estadista desgredhado, macilento, de grandes olheiras por uma noite perdida a pensar como no dia seguinte ha-de arranjar dinheiro. Os agiotas não emprestam mais nada, e no entanto é preciso dinheiro, muito dinheiro. O estadista ouve uma a uma todas as horas da noite, n'uma insomnia medonha, pensa, torna a pensar, parafusa, peracruta, e de repente, quando por pouco va a succumbir á fadiga e ao frio, precisamente no momento em que rompe a aurora e a claridade do dia começa a entrar, como que a medo, pelas frestas

das janellas, dá um pulo na cama, senta-se, assôa-se, apura o pigarro, acende a vela da palmatoria e grita para a familia: — já sei onde se ha-de ir buscar dinheiro. E pedindo uma simples folha de papel almasso, traça um projecto de lei, muito simples, muito curto, muito claro: «pela lei de 4 de maio de 1911, o contribuinte tem o direito de pagar, em prestações, a sua decima predial, mas o Estado precisa de dinheiro, e substitue-se esta facultade pela obrigação restricta de ir já e a correr, pagar não só a primeira prestação, mas a segunda também!»

Que importa saber se o contribuinte tem recursos para esse pagamento! Arranje-os, e como a lei considera, vendida a segunda prestação e não paga a primeira, relaxada a contribuição, é andar ligeiro porque se não executa-se!

Esfregando as mãos de contente, o estadista manda o secretario copiar o projecto e vae para o trabalho. Até ás quatro horas, recebe visitas, conversa com os amigos, despacha cousas, e a correr, ahi pelo entardecer, mette-se no automovel e bate para S. Bento. Sob a correr a escadaria de pedra, toma logar no ascensor, mal cumprimenta os continuos fardados de novo, e entra na sala. Pede a palavra. Faz-se o silencio respeitoso imposto pelos dictadores, ainda os mais mal disfarçados, e o orador apresenta o projecto. Pede a escusa do regimento, a dispensa da leitura, a approvação immediata, a dispensa da ultima redacção. Regimento, praxes, leis, tudo se esquece. O que é preciso é votos.

E os deputados votam, á uma, sem um protesto, sem uma reflexão, sem um reparo!

O estadista torna a metter o projecto na pasta e desata a correr para o Senado. Ahi, ainda se ouvem duas vozes discordantes, ainda alguém esboça ligeiramente umas phrases de duvida, mas o estadista cada vez mais apressado grita-lhes lá do banco ministerial:

— Ainda lá está muita coisa no sacco!...

E com aquelle seu sorrisinho escarecedor, acrescenta de mão aberta, a mandar esperar:

— Verão! verão!

E não vêr. Vota-se a proposta, um senador pede que ella seja dispensada de ir á commissão de redacção, e então dá-se um golpe terrivel, verdadeiramente theatral! No meio de um grande silencio, do alto da sua cadeira, o presidente volta-se para o chefe do governo e pergunta:

— Também não foi na Camara dos Deputados?

— Não senhor.

E dispensa-se a ultima redacção!... Em menos de duas horas, num abrir e fechar d'olhos, em meia duzia de linhas, esfarrapa-se uma lei, surripia-se uma facultade concedida ao contribuinte que é o paiz e disse-se-lhe: Arranje-se como quiser e vá pagar duas prestações da sua decima, porque se não o fisco cae-lhe em cima e põe-lhe em praça a propriedade.

E o contribuinte que vê a sua propriedade abandonada pelo rendeiro que emigrou, que não encontra novo inquilino, que não sabê como a ha-de valorisar, dá tragos á imaginação para arranjar dinheiro e ir pagar a contribuição, dez vezes maior agora que nunca, no tempo em que lhe rendia alguma coisa!

Mas pague e não bufo, porque... ainda lá está muita coisa no sacco!

Quarta-feira, 26.

Raul.

Na Guiné

Por Frederico Pinheiro Chagas

(2.ª edição) Brevemente á venda.

Anuncios

Herminio Pereira da Silva Pinto
TORRES NOVAS
COMMISSARIO DE VINHOS E AZEITES

Especialidade em vinhos tintos
de 12 a 15 graus

Compra e venda á commissão
e de conta propria

Alvaro Pinheiro Chagas (Anselmo)

Alvaro Pinheiro Chagas (Anselmo)

Notas
d'um Lisboaeta

2 bellos volumes

Preço 1\$200 reis

A' venda

nas principaes Livrarias.

PÃO DE GRAÇA

Aos medicos, medieas, parteiras e hospitales fornecemos o necessario para analyse e experiencia nos tratamentos dos diabeticos, dispepticos, tuberculosos e anemicos. O pão de *Gluten* é o mais leve e mais fino e tem sido empregado com optimos resultados.

Basta um simples postal para ser logo fornecido.

Unico concessionario em Portugal e Hespanha — Manuel J. Ferreira Valente — PADARIA NACIONAL — Rua de Liceiras, 140 e 144 (e suas filiaes).

Atelier de Roupa Branca
M. d'Aguar Leitão
Proprietaria e directora:
Marqueza Izabel d'Aguar Leitão

Fabrica e deposito de roupa branca para homem, senhora e creança

Os mais elegantes modelos em roupa branca de senhora, (especialidade d'esta casa).

ENXOVAES PARA CARAMENTO. ENXOVAES PARA BAPTISADO.

BRINDES A TODAS AS NOIVAS

20, Praça da Batalha, 22 — PORTO (A' entrada da R. de Santo Ildefonso)

CIGARROS
Presidente ARRIAGA

Fina mistura de tabaco havano
A marca de maior successo em Portugal

Cuidado com varias marcas
imitações d'esta famosa marca

HEROES DE CHAVES

Nova marca de cigarros
Manipulados com finissimo tabaco
havano suave

SUCCESSO COLOSSAL

Em todas as tabacarias
15 CIGARROS, 90 REIS

PERFUMARIA FINA

Praça de D. Pedro, 401
LISBOA

Recebeu novo sortimento de essencias finas para o lenço e banho, sabonetes o pós do arroz finissimos, boa agua de Colonia Florida e preparados garantidos para o cabelo, dando a cor natural; sortimento de elixires, pasta e pós dentificos.

LEGITIMOS
CIGARROS D'ALGER

PERFUMES de Salon

CREMES d'Herbe Divine

Universalmente conhecidos como os mais hygienicos

Não affectam a garganta
Cuidado com as imitações que a fama mundial d'estas marcas tem provocado.

Joaquim Leitão

OS CEM DIAS
FUNESTOS

(Processo e condemnação do ultimo presidente do conselho de 1910, Antonio Teixeira de Souza e do seu livro «Para a Historia da Revolução»)

Um volume de 550 paginas illustrado

PREÇO 1\$000 REIS

A' venda nas principaes livrarias

ESTOFOS, MOVEIS E TAPETES

Deposito de capachos de côco e pita

Carvalho & Figueiredo

409, Rua do Sá da Bandeira, 409

(PARTE NOVA)

Em frente ao Bolhão

PORTO

EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

PARA A COSTA OCCIDENTAL D'AFRICA

Sahidas em 7 de cada mez:

Para a Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Landana, Cabinda, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes e para S. Antão, S. Nicolau, Sal, Boavista, Maio, Fogo, Brava, Bolama e Bissau; com baldeação em S. Vicente.

Sahidas em 22 de cada mez:

Para S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, S. Antonio do Zaire, Ambrizette, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes, Bahia dos Tigres e Caboandel; para Fogo, Brava, Maio, Boavista, Sal, S. Nicolau, S. Antão e S. Vicente, com baldeação em S. Thiago.

Para carga e passagens trata-se no escriptorio da Empresa

RUA DO COMMERCIO, 85—LISBOA

Magalhães & Moniz, L.^{da} LIVRARIA EDITORA

Depositaris da Imprensa Nacional

Venda de livros nacionaes e estrangeiros de ensino, arte, sciencia e lettras.

Agencia de assignatura para todos os jornaes e publicações.

Correspondentes em todo o mundo.

CASA FUNDADA EM 1863

11, Largo dos Loyos, 14—PORTO

COMPANHIA DO GAZ DO PORTO

Distribuição de Coke a domicilio

Por cada 15 kilos (uma arroba) 200 reis
Por cada 600 kilos (um carro). 8\$000 reis

Posto em casa do consumidor, dentro da area da cidade do Porto.

PESO GARANTIDO

SATISFAZEM-SE PROMPTAMENTE

todos os pedidos de Coke que lhe forem feitos ou por meio do correio, ou em requisição verbal nos seus escriptorios da Praça Carlos Alberto, 71, ou na fabrica, no Ouro.

Cimentos

NACIONAES E ESTRANGEIROS

Vantagens excepcionaes para grandes fornecimentos e contractos annuaes, etc.

J. WIMMER & C.^a
LISBOA



COMPAGNIES DE NAVEGATION

SUD-ATLANTIQUE

Linha postal. Para Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos Ayres, com escala por Dakar A 8 de Abril o paquete *Valdivia*.
A 22 de Abril o paquete *La Gasconne*.

Linhas commerciaes. Para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Ayres, com escala por Dakar.

A 16 de Abril o paquete *Seguana*.
Para Pernambuco, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Ayres.

A 1 de Abril o paquete *Garonna*.

K. H. Lloyd (Mala Real Holandesa)

Para Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Ayres.

A 7 de Abril o paquete *Hollandia*.

A 28 de abril o paquete *Frisia*.

Para Vigo, Boulogne, Paris, Dover, Londres e Amsterdam.

A 9 de Abril o paquete *Frisia*.

A 29 de Abril o paquete *Zelandia*.

Linha Cyp. Fabre & C.^o

Para Providence e New-York, e mais cidades dos E. Unidos da America do Norte com escala por S. Miguel, Terceira e Fayal. A 26 de Abril o paquete *Roma*. A 5 de Abril o paquete *Germania*.

Preço das passagens em 3.^a classe para New-York, Boston, New-Bedford, etc., quarenta e dois mil reis e para S. Francisco da California, Libras 22-0-10.

Para Marsella. A 11 de Abril o paquete *Roma*.

Para carga e passagens e mais esclarecimentos trata-se com

OREY ANTUNES & C.^o

NO PORTO EM LISBOA
Largo de S. Domingos, 62-1.^o Praça Duque da Terceira, 4.

Recommendamos as excellentes e magnificas PENNAS

D. CARLOS I e D. MANOEL II

em bonitas caixas com artisticas photographias de Suas Magestades

Fabricação exclusiva dos fabricantes inglezes **D. LEONART & C.^o**

Vendem-se nas boas papelarias de Portugal.

Dr. M. Forbes Costa

CHIRURGIÃO DOS HOSPITAES
Antigo assistente das clinicas de Paris, Berlim, Londres e Vienna

Doenças genito-urinarias, venereas e syphiliticas

Diagnostico e tratamento da syphilis pelos processos mais modernos, especialmente pelo salvarsan (606) e neo-salvarsan.

Praça da Liberdade, 124-1.^o

DAS 2 ÀS 5 HORAS

Telephone, 1433

COMPANHIAS DE SEGUROS

La Union y el Penix Español
de Madrid

Union Maritime de Paris
Mannheim de Manheim

Seguros sobre a vida, incendio, explosão de gaz, de machinas, rulo, rendas em caso de incendio, maritimos postaes e transportes de qualquer natureza.

LINA MAYER & C.^a

R. da Prata, 59-1.^o—LISBOA